

Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Leonardo Batista Pedroso
(Organizadores)

Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



Atena
Editora

Ano 2021

Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Leonardo Batista Pedroso
(Organizadores)

Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Geografia, ensino e construção de conhecimentos

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Leonardo Batista Pedroso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia, ensino e construção de conhecimentos / Organizadores Fernanda Pereira Martins, Raquel Balli Cury, Leonardo Batista Pedroso – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-968-4

DOI 10.22533/at.ed.684210904

1. Geografia. I. Martins, Fernanda Pereira (Organizadora). II. Cury, Raquel Balli (Organizadora). III. Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A escola se traduz enquanto um espaço plural, onde o conhecimento manifesta-se de diferentes maneiras, sejam elas provenientes de experiências e vivências, bem como de aspectos teórico-metodológicos e técnicos de cada área do conhecimento.

A Geografia, não obstante da importância das demais disciplinas, destaca-se pela notoriedade quanto à visão crítica do mundo, fruto da compreensão das dinâmicas inerentes ao espaço geográfico. Discutir Geografia é, antes de tudo, discutir o espaço vivido, transformado, particular e plural. As experiências deste vasto mundo não se segregam daquelas praticadas no ambiente escolar. Muito pelo contrário, este é apenas um dos fragmentos do espaço geográfico onde materializam-se questões culturais, étnicas, econômicas e sociais como um todo.

Diferente dos demais espaços onde os aspectos geográficos são moldados, a escola representa essa construção, mas também a sua compreensão e abstração. Adornar criticamente a visão que temos do mundo é uma das funções delegadas ao ambiente escolar, cerne da construção do conhecimento.

Essa visão romântica e até mesmo quase poética da ciência geográfica é a tradução simples da complexidade de relações que essa ciência nos proporciona no cotidiano escolar.

Este livro está constituído por 18 capítulos, que remontam distintas experiências neste contexto supracitado, cada qual com sua expertise e contribuições epistemológicas.

Esperamos que os relatos, conhecimentos e experiências apresentados aqui sejam de grande valia para a construção de saberes e enriquecimento da Geografia brasileira. Que seja uma leitura agradável e profícua.

Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Leonardo Batista Pedroso

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A GEOGRAFIA HUMANA E SUAS PAISAGENS: DIAGNÓSTICO PARA O FORTALECIMENTO DA MARCA IFG, CAMPUS GOIÂNIA, GO

Anna Lara Rodrigues
Bruna Martinelle Cyrillo da Silva
Gabriel de Araújo Fonseca
Fábio Carvalho
Júlia Lopes Machado
Júlio César Caixeta
Lídia Milhomem Pereira
Lucas Alves de Santana Garcia
Tallyson da Silva Santos Cavalcanti

DOI 10.22533/at.ed.6842109041

CAPÍTULO 2..... 15

A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Severino Alves Coutinho

DOI 10.22533/at.ed.6842109042

CAPÍTULO 3..... 24

A PERCEÇÃO DOS ENTES FEDERADOS QUANTO A VISIBILIDADE EDUCATIVA MEDIANTE A BNCC COM FOCO NA GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS

Bernadeth Luiza da Silva e Lima

DOI 10.22533/at.ed.6842109043

CAPÍTULO 4..... 36

ABORDAGEM DA TEMÁTICA GEOCONSERVAÇÃO/PATRIMÔNIO GEOLÓGICO PELO DOCENTE DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL BÁSICO

Karlos Augusto Sampaio Junior
Adriana Oliveira Silva

DOI 10.22533/at.ed.6842109044

CAPÍTULO 5..... 48

COMO É REPRESENTADO O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

Antuerber Arthur Alves Farias da Luz

DOI 10.22533/at.ed.6842109045

CAPÍTULO 6..... 58

ENSINAR EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM EM SÃO GONÇALO: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

Ana Claudia Ramos Sacramento
Guilherme Freitas Hartmut Behm

DOI 10.22533/at.ed.6842109046

CAPÍTULO 7	75
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA	
Gabriel de Miranda Soares Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6842109047	
CAPÍTULO 8	83
OFICINAS LÚDICAS COMO APORTES DO ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE MONTES CLAROS – MG	
Iara Maria Soares Costa da Silveira	
Túlio de Oliveira Ruas	
DOI 10.22533/at.ed.6842109048	
CAPÍTULO 9	92
RELEVO E ENSINO: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA GEOGRAFIA ESCOLAR EM MANAUS-AM	
Carlos Silva da Costa Brito	
Miguel Sá de Souza Brito	
Adorea Rebello da Cunha Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.6842109049	
CAPÍTULO 10	102
A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E O DIREITO À CIDADE	
Glória da Anunciação Alves	
DOI 10.22533/at.ed.68421090410	
CAPÍTULO 11	110
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO: A DESARTICULAÇÃO E DESAGREGAÇÃO TERRITORIAL NOS FAXINAIS DO PARANÁ	
Reinaldo Knorek	
Ancelmo Schörner	
Rui Pedro Julião	
Carlos Alberto Marçal Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.68421090411	
CAPÍTULO 12	122
ESTIMATIVA DA TEMPERATURA DA SUPERFÍCIE DO MAR VIA SENSORIAMENTO REMOTO E DETECÇÃO DO FENÔMENO DE RESSURGÊNCIA, UMA COMPARAÇÃO ENTRE MARROCOS E PORTUGAL	
Thyago Anthony Soares Lima	
DOI 10.22533/at.ed.68421090412	
CAPÍTULO 13	139
LAGO DO REMANSO, CONHECER PARA PROTEGER	
Angela Maria Correa Mouzinho Santos	
Alexsandra Maura Costa Bernal Martin	
João Pedro Araújo Silva	
Daniel Cutrim Aires	

Ronilson Lopes Brito
Vagner de Jesus Carneiro Bastos
DOI 10.22533/at.ed.68421090413

CAPÍTULO 14..... 155

MIGRAÇÕES E O AUMENTO DO NÍVEL DO MAR: O CASO DOS ESTADOS DAS ILHAS ATOL

Gabriela Mendonça da Trindade
João Vitor Cepinho
Gabrielly Zuquim Ferreira Pereira

DOI 10.22533/at.ed.68421090414

CAPÍTULO 15..... 167

OLHARES SOBRE A MEMÓRIA E TERRITORIALIDADE NA AVENIDA GETÚLIO VARGAS EM CUIABÁ-MT

Sônia Regina Romancini
João Marcos de Campos Barros Corrêa
Franciellen de Almeida Figueiredo

DOI 10.22533/at.ed.68421090415

CAPÍTULO 16..... 178

POLÍTICA DE ATRAÇÃO DE INDÚSTRIAS NA BAHIA E OS PROGRAMAS DE INCENTIVO FISCAL NA DÉCADA DE 1990

Vanessa da Silva Vieira

DOI 10.22533/at.ed.68421090416

CAPÍTULO 17..... 187

REVITALIZAÇÃO DO CÓRREGO BARRO ALTO

Maria Ivanúbia de Queiroz
Edna Sousa Nunes
Izabel Liandra Pereira Meireles

DOI 10.22533/at.ed.68421090417

CAPÍTULO 18..... 196

TERRITÓRIOS DA MORTE, DO MEDO E DE RESISTÊNCIA LGBTQIAP+: POR UMA LEITURA GEOGRÁFICA DAS MORTES, DO MEDO E DAS RESISTÊNCIAS CONSTRUÍDAS POR CORPOS DISSIDENTES

Willians Ventura Ferreira Souza
Carlos Alberto Feliciano

DOI 10.22533/at.ed.68421090418

SOBRE AS ORGANIZADORES..... 207

ÍNDICE REMISSIVO..... 208

TERRITÓRIOS DA MORTE, DO MEDO E DE RESISTÊNCIA LGBTQIAP+: POR UMA LEITURA GEOGRÁFICA DAS MORTES, DO MEDO E DAS RESISTÊNCIAS CONSTRUÍDAS POR CORPOS DISSIDENTES

Data de aceite: 01/04/2021

Wilians Ventura Ferreira Souza

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Presidente Prudente – SP
<http://lattes.cnpq.br/0660479876583584>
<https://orcid.org/0000-0002-6166-0059>

Carlos Alberto Feliciano

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Presidente Prudente – SP
<http://lattes.cnpq.br/7821954899047629>
<https://orcid.org/0000-0003-1682-7996>

RESUMO: O presente trabalho constitui um avanço significativo e pertinente no reconhecimento e avaliação das violências impostas e impressas nos corpos considerados dissidentes a partir de alguns parâmetros construídos socialmente como o patriarcado, o racismo, a heteronormatividade, o heterossexismo e a cisgeneridade, que posiciona esses corpos à margem dos processos de decisão e representação política, social e cultural. Os territórios da morte foram representados a partir da materialização dos crimes de ódio contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queer*, intersexuais e assexuais brasileiros a partir dos dados disponibilizados pelo Grupo Gay da Bahia entre os anos de 2000 a 2019. Os territórios do medo foram representados a partir dos processos de violação em curso

contra os corpos LGBTQIAP+ a partir dos dados disponibilizados pelo Ministério da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos. Por fim, os Territórios de Resistência foram representados pelo número de Paradas e ações similares construídas em diferentes municípios entre os anos de 2006 a 2019. A violência direcionada a esses corpos é motivada por alguns discursos que se sustentam, sobretudo, pela religião e por algumas figuras do poder público. O mapa “Território da Morte, do Medo e de Resistência” evidencia o que temos de pior e de mais cruel. São corpos considerados “anormais”, “doentes” ou que se encontram em pecado, dessa forma, necessitam ou da cura que reverterá esse corpo “desviante” em um corpo “normal” ou da violência que pune e elimina os símbolos que determinados corpos carregam.

PALAVRAS - CHAVE: Territórios; Morte; Medo; Resistência; LGBTQIAP+; Corpo.

TERRITORIES OF DEATH, FEAR AND RESISTANCE LGBTQIAP+: A GEOGRAPHICAL READING OF DEATHS, FEAR AND RESISTANCE BUILT BY DISSERTING BODIES

ABSTRACT: The present work constitutes a significant and pertinent advance in the recognition and evaluation of violence imposed and printed on bodies considered dissenting from some socially constructed parameters such as patriarchy, racism, heteronormativity, heterosexism and cisgenerity, which positions these bodies on the margins of decision-making processes and political, social and cultural representation. The territories of death were represented from the

materialization of hate crimes against lesbian, gay, bisexual, transvestite, transgender, queer, intersex and asexual Brazilians from the data made available by the Gay Group of Bahia between the years 2000 to 2019. The territories of fear were represented from the ongoing rape processes against LGBTQIAP+ bodies based on data provided by the Ministry of Family, Women and Human Rights. Finally, the Resistance Territories were represented by the number of Stops and similar actions built in different municipalities between 2006 and 2019. Violence directed at these bodies is motivated by some discourses that are supported, above all, by religion and some figures of public power. The “Territory of Death, Fear and Resistance” map shows what we have the worst and cruelest. They are bodies considered “abnormal”, “sick” or found in sin, in this way need or the healing that will reverse this “devious” body in a “normal” body or violence that punishes and eliminates the symbols that certain bodies carry.

KEYWORDS: Territories; Death; Fear; Resistance; LGBTQIAP+; Body.

INTRODUÇÃO: POR UMA GEOGRAFIA EM MOVIMENTO

Como produto da relação construída entre os movimentos socioespaciais e socioterritoriais de Presidente Prudente – SP e região, bem como dos dois anos de financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (2018/14080-0), o apoio do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA e da Rede DATALUTA, foi possível afinar o nosso conhecimento em torno das temáticas que permeiam a diversidade sexual e de gênero em diferentes escalas. Apresentaremos como produto final das três variáveis trabalhadas durante os dois anos da pesquisa o mapa síntese “Territórios da Morte, do Medo e de Resistência LGBTQIAP+”, um resultado inovador e que provocou inúmeras discussões dentro e fora dos grupos de pesquisas em que estamos inseridos.

O mapa síntese “TERRITÓRIOS DA MORTE, DO MEDO E DE RESISTÊNCIA LGBTQIAP+” representa um avanço significativo na compreensão das mortes e processos de violação de Direitos Humanos, bem como no surgimento, permanência e continuidade das resistências dos sujeitos sociais que surgem para enfrentar e combater as práticas de violência produzindo territórios do medo e da morte. Vamos apresentar alguns elementos mais significativos do mapa e também lançar algumas questões que estão contidas na esfera metodológica da pesquisa.

Ressaltamos três pontos principais que facilitarão a leitura e interpretação do mapa que tentamos tornar o mais didático e polido possível. 1) O que entendemos por Territórios da Morte, do Medo e de Resistência? 2) Eles estabelecem um diálogo, quais são as aproximações entre estes territórios?

Utilizamos Territórios da Morte para designar práticas criminosas cometidas contra pessoas LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e pansexuais) ou que não performam um padrão de feminilidade e masculinidade contidos na lógica binária e heteronormativa e por não performarem ou se

comportarem à margem desse padrão são assassinadas e violentadas.

Entendemos que a pergunta central é a seguinte: por que utilizamos Territórios da Morte? Os motivos são vários e de alguma forma direta ou indiretamente eles se interseccionam ou fazem parte do que Filho (2016) entende por reciprocidades constitutivas, isto é, a capacidade de ser isto e aquilo ao mesmo tempo (ser travesti e preta por exemplo), ou então do nó górdio cunhado pela Heleieth Saffioti (2013).

O primeiro dado que nos faz pensar em um Território do Medo e Morte está contido nas entrevistas semiestruturadas. Realizamos dezenas de entrevistas a pessoas de diferentes letrinhas do Movimento, identificamos que na fala de muitas dessas pessoas a violência é algo que faz parte do seu dia a dia. Algumas delas já foram violentadas e quase perderam a vida, outras relatam a perda de amigos/as a partir desses crimes que possuem requintes de crueldade.

A segunda informação que nos faz pensar em uma terminologia como essa, é a existência de uma narrativa construída pelos movimentos que lutam contra todo esse processo de violência e morte. Os movimentos já intitulavam na década de 90 a existência desses crimes motivados pelo ódio ao que entendiam como subversivo e dissidente, assim, nós enquanto geógrafos/as e enquanto pesquisadores/as, devemos pensar para além de uma leitura simplesmente discursiva, sim, os crimes de ódio existem, mas eles acontecem e se materializam em determinados territórios e em outros não, existem alguns trabalhos que evidenciam esse processo como: Serra (2019), Ortolano (2015), Cabral (2015), Cesar e Duarte (2017), Silva (2008).

Um exemplo emblemático e que facilita a compreensão do que queremos dizer, são os casos das travestis assassinadas em via pública: 1) que se trata de um território utilizado pela prostituição ocupado, principalmente, por travestis, 2) esses territórios são reconhecidos pelos militantes/ativistas, pela mídia e pelos sujeitos que dele fazem uso, como territórios perigosos e violentos. Assim, o que faz desse território, um território da morte, é o fato de que pessoas são mortas e assassinadas cotidianamente simplesmente por ocuparem um espaço que, na leitura tradicional e normativa, simbolicamente indicam que não deveria ser ocupado por aquele corpo que carrega um pênis e um seio siliconado ao mesmo tempo.

O que diferencia um Território da Morte de um Território do Medo? As tipologias das práticas de violência. No Território da Morte as/os LGBTQIAP+ são mortos, assassinados, têm seus órgãos genitais decapitados, são mortos com 50 facadas, 15 tiros e por aí vai. Já nos territórios do medo, temos um processo de violação dos direitos, ou seja, o/a LGBTQIAP+ sofre uma violência física, psicológica, patrimonial, moral, entre outras.

Eles estabelecem um diálogo, quais são as aproximações entre estes territórios? A possibilidade de cruzarmos essas três informações é real, primeiro porque elas estabelecem um diálogo entre si, sobretudo, os dados relacionados aos crimes de ódio e denúncias feitas pelo Disque 100, ambas retratam um processo de violência e violação de direitos básicos,

a diferença está na tipologia da violência. Ex: uma travesti é morta com 30 tiros ou tem seu pênis decapitado - Crimes de ódio/Território da Morte. Outro exemplo: um estudante é constantemente humilhado pelos professores na universidade por ser homossexual – Território do Medo.

Os dados são diferentes, mas se interseccionam. Quando pensamos nas Paradas e ações congêneres (mesas, marchas, rodas de discussão, passeatas, carreatas, manifestações Urbanas, entre outros tipos de ações) falamos de uma categoria que só surge em resposta as duas anteriores, isto é, a violência, ao processo de violação, entre outras questões que LGBTQIAP+ sofrem cotidianamente.

METODOLOGIA

A etapa metodológica que envolve o mapeamento do conjunto de informações e dados agrupados dentro do banco de dados da violência e das ações e manifestações realizadas pelo movimento LGBTQIAP+, criado durante o caminhar científico, nos possibilitou a interpretação mais aguçada da realidade desses sujeitos, seja com relação à violência implícita expressa em assassinatos brutais, seja através da violência institucional expressa no desrespeito ao nome social. Todas essas violências materializadas na realidade da população LGBTQIAP+ brasileira.

Além da violência explícita e implícita, nesse novo momento da pesquisa apresentamos um conjunto de ações e manifestações realizadas por movimentos, coletivos e sujeitos organizados e não organizados. Essa representação se dará através do mapeamento das ações e paradas realizadas entre 2006 e 2019 – Territórios de Resistência.

O mapeamento faz parte de um processo de construção longo e desafiador. É importante lembrar que mapear ou tornar algo identificável espacialmente, não se configura como um procedimento simples, já que em diferentes momentos nos chocamos com dados incompletos, com a subnotificação e a generalização que acaba por prejudicar a representação, mas sabemos que toda representação provoca generalização.

Realizamos inicialmente a coleta das informações, alimentamos o banco de dados utilizando o EXCEL®, realizamos a separação dos dados geograficamente referenciados e dos dados relacionados ao que pretendemos representar cartograficamente.

Posteriormente a esse procedimento realizamos a utilização do software de cartomática, aplicamos a planilha em EXCEL® e reproduzimos cartograficamente os dados contidos na planilha. Por fim, o mapa é salvo no formato Adobe Illustrator® (AI). Nesse software de edição realizamos o processo de criação de legenda, titulação do mapa e o salvamento em formatos como (JPEG, PNG), entre outros formatos resultando, por fim, nos mapas apresentados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira questão que norteia a discussão aqui realizada é a seguinte: pelo que ou por qual motivo LGBTQIAP+ se organizam em movimentos socioespaciais e socioterritoriais?

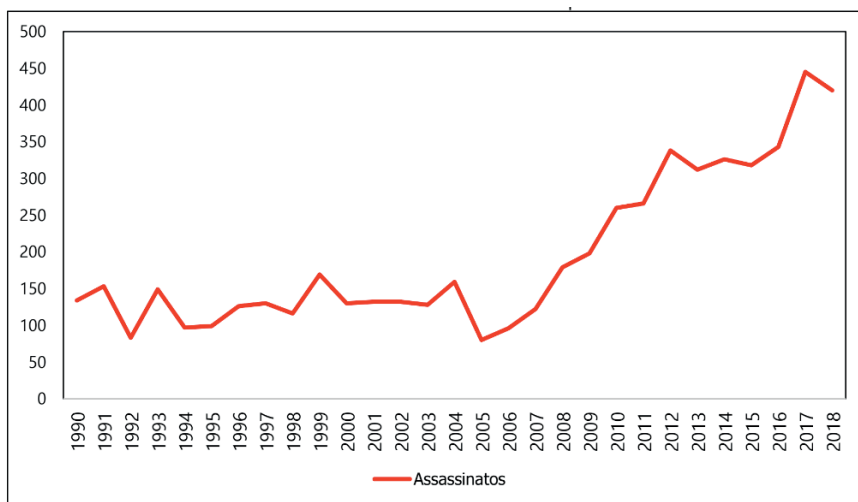


Gráfico 1 - Número de Assassinatos de LGBTs ano período de 1990 a 2018

Fonte: Grupo Gay da Bahia, 2020.

Org: o autor, 2020.

O gráfico 1, concentra o número de assassinatos de LGBTQIAP+ de 1990 a 2018. No primeiro momento de observação, torna-se explícito um processo de crescimento no número de crimes. No ano de 1990, foram mortos no Brasil 164 LGBTQIAP+, vinte anos depois, em 2010, foram mortos 260 LGBTQIAP+ no Brasil, um aumento de aproximadamente 63% no número de crimes. No entanto, o maior número de assassinatos registrado foi no ano de 2017, documentadas 445 mortes de LGBTQIAP no Brasil, segundo o relatório produzido pelo Grupo Gay da Bahia (2018).

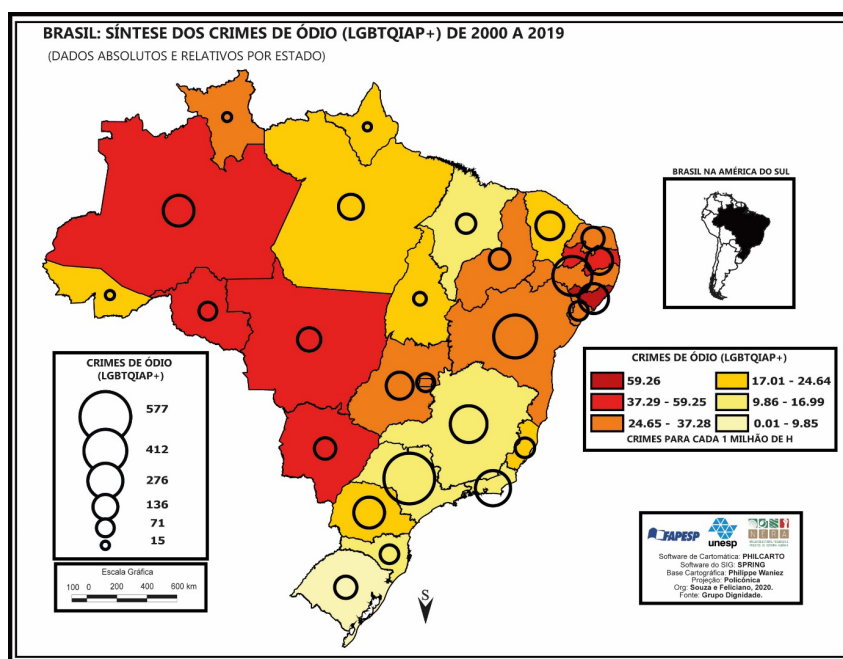
É inegável a existência da violência contra essa comunidade. Ao mesmo tempo, destacamos que essa violência não é qualquer violência, é uma violência que mata, fere e brutaliza esses corpos, expondo-os ao ridículo e a extremos processos de exclusão.

Entendemos a partir da exposição do mapa 1, que a violência se espacializou ano após ano, atingindo enormes números. No entanto, é possível observar através do mapa, onde, de fato, a violência se especializou e em quais territórios se fez presente.

Em relação aos dados absolutos, representados pelos crimes de ódio, o Estado de

São Paulo se apresenta como o mais violento, concentrando um total de 577 assassinatos, seguido da Bahia com 412 assassinatos, Pernambuco com 343 assassinatos, seguido de Minas Gerais com 303 assassinatos e, por fim, o Rio de Janeiro com 276 assassinatos.

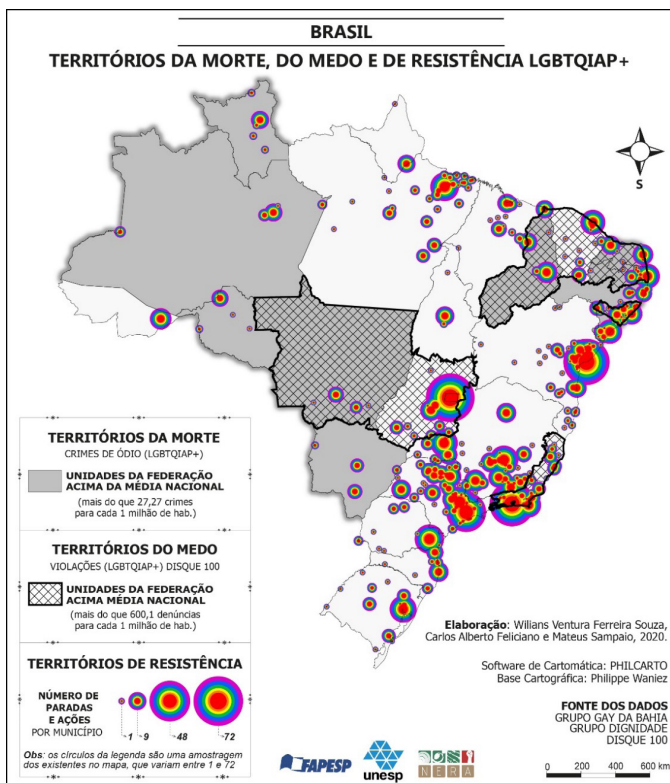
Em relação aos dados relativos, isto é, o número de assassinatos para cada um milhão de habitantes, Alagoas se coloca como o Estado mais violento com 59,26 crimes para cada um milhão de habitantes, seguido do Amazonas com 53,82 crimes para cada um milhão de habitantes, Rondônia com 40,15 crimes, Paraíba com 40,02 crimes, seguido de Mato Grosso do Sul com 38,84 crimes e, por fim, Mato Grosso com 37,29 crimes para cada um milhão de habitantes.



A espacialização da violência, isto é, a materialização da violência no espaço, é para a geografia um importante dado, já que a concepção de violência sempre está ligada a um território que possivelmente tem como estrutura básica a desigualdade, a violação, o estigma e, até mesmo, a subalternidade dos sujeitos que sofrem diferentes processos de violência. A análise dos dados relacionados ao número de crimes e denúncias feitas por pessoas LGBTQIAP+ que sofreram algum tipo de violação, é justificada a partir do que

Fernandes (2012, p. 11) traz ao dizer que “no espaço, as relações sociais se materializam e se reproduzem, produzindo espaços e territórios em movimentos desiguais, contraditórios e conflitivos”. Denominamos esses movimentos de processos geográficos, os processos geográficos identificados com base em nosso mapeamento e nas denúncias feitas por esses sujeitos, se coloca como processos onde a violência tem papel hegemônico e opressor.

A leitura, análise e a criação de mapas, gráficos e tabelas, tem por objetivo enriquecer esse trabalho na busca pela compreensão dos processos geográficos relacionados à população LGBTQIAP+; identificar onde a violência acontece, nos faz compreender melhor os processos geográficos, os espaços de disputa, os territórios e territorialidades, assim como nos leva, de fato, para uma análise geográfica da ação da violência e do surgimento de movimentos contra hegemônicos ou contra-heteronormativos, através da identificação dos Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais existentes que lutam contra essa violência imposta aos corpos LGBTQIAP+, fazendo com que suas vidas tenham menor valor.



Mapa 2 - Territórios da Morte, do Medo e de Resistência LGBTQIAP+ no Brasil
Fonte: Grupo Gay Bahia; disque 100; Grupo Dignidade, 2020.

Organização: O autor, 2020.

O território da morte representa o número de crimes de ódio cometidos entre os anos de 2000 a 2019 e está representado pela cor cinza a partir de um valor relativo (número de crimes/população x 1 milhão). Os Estados mais violentos se concentram, sobretudo, na porção Oeste (Norte e Centro-Oeste) do país e também na região Nordeste, compondo esse contexto: Alagoas com 198 crimes e 59,26 crimes de ódio para cada 1 M, seguido do Amazonas com 212 crimes de ódio e 53,82 crimes para cada 1M, Paraíba com 159 crimes e 40,02 crimes para cada 1 M, seguido de Rondônia com 71 crimes de ódio e 40,15 crimes para 1M, Mato Grosso do Sul com 103 crimes e 38,84 crimes para cada 1M, Mato Grosso com 122 crimes e 37,29 crimes para cada 1M, Pernambuco com 343 crimes e 36,70 crimes para cada 1M, Roraima com 18 crimes e 35,59 crimes para cada 1M, Sergipe com 79 crimes e 35,22 crimes para cada 1M e, por fim, Piauí com 94 crimes e 29,33 crimes para cada 1M.

O território do medo está representado pelo número de denúncias de práticas de violência (violência física, psicológica, moral, patrimonial, etc.) realizadas entre 2011 e 2017 no Brasil. Dessa forma, o Distrito Federal aparece como o mais violento com 517 denúncias e 201 para cada 100 mil habitantes, seguido do Piauí com 388 denúncias e 124 para cada 100 mil habitantes, Paraíba com 358 denúncias e 95,04 para cada 100 mil habitantes, Rio Grande do Norte com 250 denúncias e 78,91 para cada 100 mil habitantes, Espírito Santo com 263 denúncias e 74,82 para cada 100 mil habitantes, Alagoas com 209 denúncias e 66,97 denúncias para cada 100 mil, Mato Grosso 202 denúncias e 66,55 denúncias para cada 100 mil, Ceará 556 denúncias e 65,78 denúncias para cada 100 mil, Rio de Janeiro com 1013 denúncias e 63,35 denúncias para cada 100 mil habitantes e, por fim, Goiás com 377 denúncias e 62,79 denúncias para cada 100 mil habitantes.

Os territórios da resistência se constituem a partir das ações realizadas pelos sujeitos sociais de combate ao preconceito, a violência e a todas as mazelas provocadas pelo sistema vigente. Dessa forma, é possível observar uma ampla espacialização, sobretudo, nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul. Brasília aparece como a maior promotora de eventos dessa natureza com 72 ações, seguido de Salvador com 65 ações, Rio de Janeiro com 61 ações, São Paulo com 48 ações, Campinas com 30 ações, etc.

Temos feito isso desde o início por já ser uma construção dos próprios movimentos e coletivos (Grupo Gay da Bahia, Grupo Dignidade) e também pelas bibliografias retratarem especificamente os crimes de ódio a partir dessas duas variáveis. Se um mapa já possui um grau de abstração gigante, o que significa trabalharmos com dados relativos como esses, significa uma abstração ainda maior.

Por se tratar de um mapa síntese tivemos que representar ou optamos por representar os extremos, aquilo que mais nos chama atenção no cruzamento dessas três variáveis (Número de Paradas e Ações Congêneres + Número de Crimes de ódio/1 milhão de habitantes + Número de Denúncias/100 mil habitantes). São três informações diferentes, mas que estabelecem a construção de um diálogo.

Filho (2016), autor do artigo “Corpos Brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT”, realiza uma distinção muito interessante do que consiste um crime de ódio (o que chamamos de territórios da morte) e a dissertação da Nicole Gonçalves da Costa “Do disque 100 ao call center: os limites do Disque 100 para a realização da denúncia de violência contra a população LGBT” nos traz reflexões sobre o que chamamos de territórios do medo.

Os crimes de ódio são calculados em 1 milhão de habitantes pela tipologia de sua representação. Quando falo em Territórios da Morte me refiro, especificamente, aos crimes de ódio, crimes que marcam os corpos e que estabelecem e consolidam os Territórios da Morte, existe na fala de alguns entrevistados a seguinte questão: “se você é LGBTQIAP+ e pisar ali você pode ser morto”.

Quando falamos sobre os Territórios do Medo estamos falando especificamente dos dados de denúncias de processos de violação (Direitos Humanos) do disque 100, a partir da observação de alguns trabalhos (artigos, dissertações e teses), notamos que em nenhum deles foi usado a taxa para cada 1 milhão de habitantes, mas sim para cada 100 mil habitantes, já que existem alguns Estados que não possuem 1 milhão de habitantes por exemplo, dessa forma, optamos por manter essa taxa. É importante frisar que são categorias distintas, elas estabelecem um diálogo, mas são distintas.

Nós estabelecemos essas conexões entre TERRITÓRIOS DA MORTE - DO MEDO E DE RESISTÊNCIA LGBTQIAP+, exatamente pela tipologia dos dados trabalhados durante os três anos dessa pesquisa. Fica claro não só na fala dos militantes violados em seu direito de existir, como também no comportamento da mídia, dos governos, dos movimentos socioespaciais/socioterritoriais, etc. É por esses motivos que lutamos por essa terminologia, 1) porque é representada pelos dados (a partir de sua qualidade), 2) porque essas informações estabelecem a construção, seja simbólica, seja territorial, de um Território da Morte, do Medo e da Resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A heterossexualidade é imposta a homens e mulheres na tentativa de controlar os seus corpos e vidas, o resultado dessa imposição é lamentável, já que diversas pessoas são impedidas de viverem sua plena sexualidade e liberdade. As práticas espaciais desses sujeitos também nos revelam o medo contido a partir dessa imposição.

A sexualidade não é um resultado meramente biológico, mas é construída a partir das relações e interações sociais que se dão cotidianamente, as sexualidades tidas como desviantes são colocadas à margem e categorizadas como pecado, como crime e até em alguns momentos da história como doença. Existe, assim, um projeto de masculinidade e feminilidade, um projeto vigente que encerra e coordena as maneiras de ser e de viver.

O mapa síntese “TERRITÓRIOS DA MORTE, DO MEDO E DE RESISTÊNCIA

LGBTQIAP+” representa um avanço significativo na compreensão das mortes e processos de violação, bem como, no surgimento, permanência e continuidade das resistências dos sujeitos sociais que emergem para enfrentar e combater as práticas de violência que constroem territórios do medo e da morte.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Grupo Gay da Bahia, ao Disque 100 e ao Grupo Dignidade pela disponibilização dos dados aqui utilizados e trabalhados. Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento dessa pesquisa.

Os autores declaram não haver qualquer potencial conflito de interesse que possa interferir na imparcialidade deste trabalho científico.

REFERÊNCIAS

ACETTA, Marcelo Furst de Freitas. **GÊNERO, SEXUALIDADE E PRÁTICAS DISCURSIVAS: ESCOLA, POLÍTICAS PÚBLICAS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE**. 2016. 96f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

AMARAL, Julião Gonçalves. **LUTAS POR RECONHECIMENTO E HETERONORMATIVIDADE NAS UNIVERSIDADES**, um estudo sobre os coletivos Universitários de Diversidade Sexual do Brasil. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

ASSUNÇÃO, I. Heterossexismo, patriarcado e diversidade sexual. In: NOGUEIRA, L. et al (Org.) **Hasteemos a bandeira colorida: diversidade sexual e de gênero no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 55-85.

BARBOSA, Bruno Cesar. **Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

CABRAL, V. **ESPAÇO E MORTE NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS FEMININAS**. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

CESAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 66, p. 141-155, Dec. 2017.

COLETTI, Luiz Henrique. **O movimento LGBT e a mídia: tensões, interações e estratégias no Brasil e nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, 278p.

FACCHINI, R. RODRIGUES, J. É preciso estar atenta (o) e forte: histórico do movimento LGBT e conjuntura atual. In. **Hasteemos a bandeira colorida: diversidade sexual e de gênero no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 231-262

FERNANDES, B. M. Movimentos Socioterritoriais e Movimentos socioespaciais: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Ed. Especial. São Paulo: **Revista NERA**, 2012. p. 07-17.

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. En: **OSAL: Observatorio Social de América Latina**. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

FILHO, R. E. Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. **Cad. Pagu [online]**. 2016, n.46, pp.311-340.

FREIRE, Lucas. **A máquina da cidadania**: uma etnografia sobre a requalificação civil das pessoas transexuais. 2015. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Grupo Gay da Bahia. **Relatórios da violência Homotransfóbica no Brasil**. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/>

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Ed. Autentica, 2000, p. 7-34.

PEDON, N. R. **Geografia e movimentos sociais**: dos primeiros estudos à abordagem socioterritorial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

PEDON, N. R.; DALPÉRIO, L. C. A contribuição da abordagem socioterritorial à pesquisa geográfica sobre os movimentos sociais. **Dataluta**: questão agrária e coletivo de pensamento. São Paulo: Outras expressões, 2014. 39-68.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SOUZA, W. V. F.; FELICIANO, C. A. Que movimento é esse: uma leitura histórica e socioespacial do movimento LGBT de Presidente Prudente/SP. In: **Revista Geografia em Atos (GeoAtos online)** - 60 anos do curso de Geografia da FCT/UNESP: memórias e desafios - v. 08, n. 15, p. 136-165, dez/2019. DOI: 10.35416/geoatos.v8i15.6990”

SOUZA, Wilians Ventura Ferreira; FELICIANO, Carlos Alberto. Mapeamento dos crimes de ódio contra LGBTs: uma leitura socioespacial da violência entre os anos de 2017 e 2018. **Revista Geografia em Atos (Geo Atos online)** - Dossiê “Gênero e sexualidade nas tramas geográficas: espaço e interseccionalidade” - v. 1, n. 16, p. 121-140, mar, 2020. DOI: 10.35416/geoatos.v1i16.7283

SOUZA, W. V. F. Movimento LGBT ocupando e transformando os espaços. **GEOGRAFIA EM ATOS (ONLINE)**, v. 1, p. 15, 2017.

SERRA, L. N. **A psicanálise e os crimes de ódio contra a população LGBT**. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SOBRE OS ORGANIZADORES

FERNANDA PEREIRA MARTINS - É Bacharel e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia – Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (2010). Em 2014 obteve o título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia, com discussões no campo da Pedologia e Geomorfologia em áreas úmidas de Chapada. No ano de 2018 concluiu o Doutorado em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, no qual se dedicou ao estudo da evolução de longo termo das paisagens de chapadas no Brasil, bem como às discussões no campo da legislação ambiental e proteção dessas geoformas. Trabalhou em projetos para o Ministério Público de Minas Gerais, auxiliando em levantamentos de campo e discussões sobre a “guerra” entre o capitalismo e proteção ambiental. Atualmente se dedica ao ensino de Geografia e estudos no campo da Educação, Geomorfologia, Pedologia e Meio Ambiente.

RAQUEL BALLI CURY - É licenciada em Estudos Sociais (1990) e História (1991) pelo Instituto Superior de Ensino e Pesquisa de Ituiutaba- FEIT/ISEPI, possui bacharelado em Direito pelo Instituto Superior de Ensino e Pesquisa de Ituiutaba- ISEPI- Campus UEMG (2003). Especialista em História do Brasil (1996) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais- PUC/MG. Especialista em Gestão de Memória Arquivo, Patrimônio e Museu (1998) pela Escola Guignard - Campus UEMG. Mestre em Geografia, pela FACIP-UFU- Campus Pontal (2018). Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG- Unidade de Ituiutaba desde 2014. Atua no curso de Direito nas seguintes disciplinas: Direitos Reais, Direito Internacional Público e Privado, Ética Profissional e Estatuto da OAB e Responsabilidade Civil. Lecionou também no curso de Pedagogia da UEMG- Unidade de Ituiutaba, as disciplinas: Conteúdo e Metodologia de História I e II, Conteúdo e Metodologia de Geografia I e II. É professora da Educação Básica, no Ensino Fundamental II, na rede privada no município de Ituiutaba, nas disciplinas História e Arte. Implantou e coordenou o CEMAI-Centro de Memória e Arquivo Institucional da Fundação Educacional de Ituiutaba- FEIT (2001-2007). Foi professora e coordenadora de Pesquisa e Extensão da Faculdade Triângulo Mineiro – FTM (2012-2018), professora da Fundação Educacional de Ituiutaba – FEIT/ISEPI, nos cursos de História (1996-2008), Pedagogia (2008-2014) e Direito (2010-2014). Possui experiência em docência no ensino básico e superior, em trabalhos técnicos, culturais e organização de eventos.

LEONARDO BATISTA PEDROSO - Bacharel e Licenciado em Geografia (2011) pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Mestre (2014) e Doutor (2018) em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Membro do Grupo de Estudos Agronômicos Aplicados ao Sudoeste Goiano do Instituto Federal Goiano - IFGoiano. Atualmente é Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - IFGoiano, Campus Morrinhos. Atua nas áreas de Saúde Ambiental, Climatologia e Recursos Hídricos.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alunos surdos 6, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22

Análise de SWOT 7, 8

Anos Finais 6, 24, 29, 30, 31, 32, 34, 35

B

Bahia 8, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 196, 197, 200, 201, 202, 203, 205, 206

BNCC 6, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 79, 192

C

Cartografia 64, 75, 78, 79, 81, 82

Centralidade Periférica 102, 105

Cuiabá 8, 24, 28, 34, 48, 75, 76, 82, 167, 168, 169, 170, 171, 175, 176, 177

D

Desenvolvimento Comunitário 7, 110, 111, 113, 114, 119, 120

Direito à cidade 7, 102, 103, 108, 109

Docência 36, 75, 82, 85, 207

E

Educação 7, 3, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 58, 62, 74, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 99, 101, 102, 103, 104, 108, 139, 157, 187, 188, 191, 192, 195, 207

Educação Especial Inclusiva 7, 83, 84, 85, 90

Ensino 2, 6, 7, 4, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 108, 139, 191, 207

Ensino de Geografia 16, 21, 23, 78, 82, 92, 93, 98, 101

Espacialidade 61, 110, 114, 118

Espaços não-formais 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 73, 74

Estágio 7, 75, 76, 77, 78, 81, 82

F

Fauna 140, 143, 146, 152, 153, 163

Faxinais 7, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Flora 140, 146, 148, 153

G

Geoconservação 6, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47

Geografia Física 74, 79, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99

Goiânia 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 74

I

IFG 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13

Ilhas Atol 8, 155, 156, 159, 160, 161

Incentivos Fiscais 178, 183, 184, 185, 186

L

Lago 7, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

LGBTQIAP+ 8, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205

Livro Didático 6, 37, 38, 41, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 78, 81, 100

M

Memória 8, 13, 30, 167, 169, 176, 177, 207

Migrantes 106, 110, 155, 157, 158, 165

MODIS 122, 125, 126, 137, 138

N

Nível do Mar 8, 143, 155, 156, 158, 159, 160, 162, 165, 166

O

Oficinas 7, 28, 60, 83, 84, 85, 90

P

Paisagem 2, 5, 6, 7, 9, 13, 38, 41, 59, 63, 65, 66, 67, 68, 72, 87, 93, 115, 117, 169, 174

PIBID 83, 85, 87, 88, 89, 90

População Negra 48, 56

PROBAHIA 178, 179, 182, 183, 184, 186

R

Relações Étnico-Raciais 48, 51, 52, 53, 56

Relevo 7, 92, 93, 94, 97, 98

Resistência 8, 68, 70, 109, 163, 196, 197, 199, 202, 203, 204

Ressurgência 7, 122, 123, 124, 134

S

São Gonçalo 6, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74

Segregação Socioespacial 7, 102, 103

T

Temperatura 7, 64, 71, 122, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 134, 136, 138, 143, 146, 163, 172

Territorialidade 8, 167, 169, 177

Território 1, 6, 76, 80, 81, 87, 88, 110, 112, 118, 120, 156, 158, 163, 164, 165, 169, 177, 178, 184, 186, 190, 196, 198, 199, 201, 203, 204

Territórios da morte 8, 196, 197, 204

Tratados 62, 86, 155, 163, 164, 165

U

Uso do território 178, 184, 186

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



 **Atena**
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Geografia, Ensino e Construção de Conhecimentos



 **Atena**
Editora

Ano 2021